

PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES
CARLA SANTOS
(COORDENAÇÃO)

**APOSTOLADO
DE ADOLESCENTES E
CRIANÇAS EM PORTUGAL
HISTÓRIA DE UM MOVIMENTO**

UNIVERSIDADE | CENTRO DE ESTUDOS
CATÓLICA | DE HISTÓRIA RELIGIOSA
PORTUGUESA

LISBOA 2017

APRESENTAÇÃO

Este livro nasceu de uma ideia e de um pedido, feito em janeiro de 2008, pela coordenação nacional do Movimento de Apostolado de Crianças e Adolescentes (MAAC) ao Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP), para apoio científico à redação de uma história do movimento. Uma primeira reunião de trabalho teve lugar em março desse ano, com a presença de Paulo Fontes, enquanto investigador do CEHR, e de três representantes do MAAC: Carla Santos, coordenadora nacional; José Carlos Antunes, tesoureiro nacional; e o padre Emanuel Vaz, assistente eclesialístico nacional. Fixou-se a ideia de desenvolver um projeto de trabalho de recolha de elementos documentais, com o objetivo de reconstituir a história do Movimento em Portugal desde «os primeiros contactos efetuados com o MIDADE – Mouvement Internationale d’Apostolat des Enfants [em 1978] que levaram, posteriormente, ao surgir do MAAC em Portugal». A memória institucional registava também, a nível fundacional, o ano de 1984, data da primeira Assembleia Nacional, a partir da qual «o Movimento tem uma estrutura nacional formalizada e a funcionar regularmente» (informações constantes da correspondência entretanto trocada). No entanto, os primeiros estatutos só seriam aprovados e reconhecidos em 1994, situação comum a outras dinâmicas eclesiais católicas que se estabelecem inicialmente na base de iniciativas e formas de auto-organização, antes mesmo de qualquer forma de institucionalização e reconhecimento jurídico. Ao longo do processo de trabalho aprenderíamos que o movimento alterara a sua designação em 1996, passando de MAC – Movimento de Apostolado de Crianças para MAAC – Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças, assinalando o reconhecimento de uma idade específica a partir do envolvimento e protagonismo desses mesmos adolescentes no seio do movimento.

Para além da pouca disponibilidade de meios humanos e materiais para a realização deste projeto, uma dificuldade inicial se colocava: a inexistência de um arquivo organizado a nível do movimento. Assim, a par da aposta na recolha e organização da informação documental que se encontrava dispersa, da responsabilidade do MAAC, de imediato se estabeleceu como metodologia desejável o contacto com antigos membros do Movimento, no sentido de entrevistá-los ou de recolher informação local e de registar testemunhos pessoais passíveis de contribuir com as suas vivências pessoais para a formação de uma memória comum e para a elaboração da história institucional do movimento. Pela natureza do processo de trabalho que se veio a adotar, definia-se assim uma segunda característica deste projeto: explorar a relação intrínseca entre história e memória. Ou seja, se o objetivo era traçar a história deste movimento de apostolado,

não se tratava só de recuperar os marcos que permitiriam estabelecer o percurso institucional desde as suas origens até ao presente, mas também procurar refletir acerca dos processos e dispositivos, em função dos quais se foi definindo a própria identidade do MAC/MAAC como movimento católico, construindo uma memória própria.

O trabalho desenvolvido desde então passou por diversas fases. Inicialmente, pensou-se que seria o próprio movimento a realizar o trabalho de pesquisa, análise documental e redação de um texto de base, através do envolvimento de uma pessoa a tempo inteiro, assessorada cientificamente pelo Centro. A equipa de coordenação do MAAC chegou a elaborar um projeto de trabalho, datado de outubro de 2009, em ordem a procurar angariar meios financeiros de apoio à sua realização. O projeto definia então dois objetivos complementares: «a) Dar a conhecer a história e a identidade do MAAC ao público em geral, como o seu contributo na sociedade civil e na Igreja, através das ações transformadoras das crianças e adolescentes para a construção da justiça, da solidariedade e do bem-comum nos meios onde vivem; b) Promover a apropriação da identidade e da vida da organização MAAC [] pelos seus associados (crianças, adolescentes e acompanhantes), através da (re)descoberta dos seu percurso histórico e do seu papel na promoção do protagonismo da população infantil e juvenil e da vivência de valores humanos fundamentais, como a cooperação e a cidadania.» [cf. Cf. MAAC – *Crianças e adolescentes protagonistas da cidadania. MAAC: trinta anos de história em Portugal (1978-2008)*. 1ª versão. Lisboa, outubro de 2009]. Se com tal amplitude o projeto inicial não chegou a realizar-se, nomeadamente por falta de apoio financeiro, os objetivos do trabalho a promover ficaram balizados.

Entretanto, e paralelamente, foi-se desenhando um plano de consulta e recolha de dados junto de alguns antigos ou atuais membros do Movimento, isto é, todos os que nele tenham tido alguma forma de envolvimento e participação, fosse enquanto crianças e adolescentes, fosse na qualidade de acompanhantes ou animadores, ou ainda como responsáveis diocesanos e nacionais. Em simultâneo, procurou-se obter informação junto do MIDADE acerca do trabalho realizado em Portugal, cientes da importância que a dinâmica internacional do catolicismo tivera no lançamento e acompanhamento do MAC em Portugal. Desde o início do processo foi fundamental a consulta de um documento que era do conhecimento de vários dos responsáveis institucionais portugueses, intitulado *Pedido de adesão à grande família do MIDAC*, da responsabilidade da equipa nacional do MAC e datado de novembro de 1986.

Assim, e durante cerca de dois anos, uma equipa conjunta, que integrava a Carla Santos e o Pe. Emanuel Vaz, pelo MAAC, e o Nuno Estêvão Ferreira – entretanto convidado enquanto investigador do CEHR – e Paulo Fontes, fomos reunindo e trabalhando na definição e execução de uma metodologia de trabalho, em ordem à recolha e sistematização de informação e materiais de arquivo, assim

como à realização de um inquérito junto de membros do movimento à escala nacional. De modo não continuado, contámos ainda com a colaboração inicial da Margarida Belchior, uma das primeiras animadoras do Movimento e atualmente professora nas áreas da pedagogia. Data de maio de 2010 a formalização do que então designámos por Grupo “História e Memória do MAAC”, a partir do qual se reafirma o sentido da colaboração do MAAC com o CEHR: «emprender um trabalho conjunto, em ordem a preservar e valorizar o seu arquivo, a recolher e sistematizar elementos de informação dispersos, reunir testemunhos junto de muitos dos que passaram pelo movimento e participaram na sua dinâmica, seja enquanto crianças e jovens, seja enquanto animadores» [cf. Documento então redigido: *MAAC: trinta anos de história em Portugal (1978-2008)*]. Um primeiro contacto com responsáveis diocesanos e nacionais do movimento foi feito, tendo sido possível reunir com alguns deles, de modo a confirmar e sistematizar informações já recolhidas em material de arquivo e a testar algumas das ideias que íamos desenvolvendo.

Elaborado o questionário para a recolha de informação e testemunhos do MAAC, procedeu-se ao lançamento dos inquéritos individuais a 24 de junho de 2010. O processo de difusão do mesmo, através de uma rede de contactos pessoais e a sua recolha prolongou-se pelo final de 2010 e pelo ano de 2011, tendo, nalguns casos, entrado pelo início de 2012. O objetivo inicial era, a partir dos primeiros contactos obtidos a quem enviávamos os inquéritos, conseguir novos contactos pessoais, para quem reenviávamos os inquéritos, alargando-se assim o universo dos potenciais respondentes, numa estratégia alargada de disseminação e recolha de informação relativa ao projeto. A grande dispersão das pessoas pelo país e a falta de meios humanos dedicados especificamente ao projeto explicam algumas das dificuldades e atrasos verificados na recolha e organização da informação. No total, obtiveram-se mais de 60 respostas individualizadas, reportando informação acerca da generalidade dos locais e dioceses onde o movimento está ou esteve presente.

Verificou-se, no entanto, uma limitação quanto aos respondentes: não foi fácil obter contactos atualizados, e menos ainda conseguir respostas de pessoas que, enquanto crianças e adolescentes tenham passado pelo MAAC sem terem permanecido ligados à sua estrutura ou dinâmica numa fase posterior, nomeadamente como acompanhantes. Este dado parecia limitar ou, ao menos, condicionar o tipo de informação obtida, nomeadamente junto daqueles que foram os principais destinatários da ação do movimento: as crianças e adolescentes, e que, na sua grande maioria, não seriam inquiridos acerca da experiência e da memória que guardam desse período das suas vidas, contribuindo deste modo para avaliar a importância da sua passagem pelo MAC/MAAC nos respetivos trajetos de vida. No entanto, este não era o objetivo principal do trabalho, mas antes historiar as iniciativas e propostas que em cada tempo e lugar foram sendo

desenvolvidas, permitindo reconhecer e valorizar o protagonismo dos meninos e jovens adolescentes que se foram reunindo no Movimento ou que foram sendo envolvidos no trabalho concreto que em cada contexto foi possível desenvolver, de acordo com o seu projeto educativo, pedagógico, cívico e eclesial, conforme à sua identidade cristã.

Procurou-se, pois, superar o que surgia como uma possível limitação inicial relativamente aos objetivos gerais do trabalho, através de duas precauções metodológicas. Por um lado, no tratamento da informação obtida, adotou-se como critério fundamental a obrigatoriedade de em cada texto recolhido, trabalhado ou citado, se identificar sempre o seu autor e data de produção, referenciando o tipo de experiência ou de percurso a que o mesmo texto se reporta, de modo a permitir contextualizar as informações produzidas e as opiniões veiculadas, salvaguardando, sempre que tal se impunha, a privacidade das pessoas envolvidas. Por outro lado, procurou-se recuperar alguma documentação de época mais significativa, devolvendo-a tal e qual ao possível leitor, como acontece com as chamadas monografias, publicadas na segunda parte deste livro.

A necessidade de observação e contacto direto com a realidade concreta do movimento, por parte dos dois investigadores do CEHR ligados ao projeto, assim como a vontade dos responsáveis do MAAC em envolver e mobilizar o maior número dos seus membros na realização da história do Movimento explicam a deslocação de Paulo Fontes e de Nuno Estêvão Ferreira a Torres Novas, para aí participarem durante toda uma tarde nos trabalhos da 13ª Assembleia Nacional do MAAC, realizada de 2 a 3 de Julho de 2011, de que ficou registo numa reportagem televisiva realizada pelo programa televisivo da Igreja católica na RTP 2 (Ecclesia).

Entretanto, em função do interesse e amplitude que o projeto foi adquirindo, no CEHR outros colegas foram nele sendo envolvidos, em articulação com o início de um projeto de investigação mais alargado sobre o tema geral “Crença e Cidadania: Organizações e Imprensa Católicas na Sociedade Portuguesa no Século XX”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Em concreto, neste percurso o David Soares deu alguma colaboração pontual ao projeto e a Cátia Tuna foi convidada a participar neste trabalho, inicialmente ao nível da organização e sistematização dos materiais de arquivo e dos questionários que a Carla Santos vinha já reunindo a nível do Movimento. Este trabalho alargou-se depois ao levantamento das publicações periódicas do MAC/MAAC, desenvolvendo-se a partir daí uma linha de pesquisa específica.

O trabalho de recolha e tratamento dos inquéritos, das entrevistas e da documentação de arquivo recolhida esteve na base do processo de investigação e de reflexão realizado por parte da equipa de trabalho que, entretanto, se constituiu e estabilizou, resultado de uma parceria institucional continuada entre o CEHR e o MAAC (Paulo Fontes, Carla Santos, Nuno Estêvão Ferreira e Cátia Tuna), dando

origem a este livro. Esquematizado ainda em 2014, o resultado final vem agora finalmente a público, sob a coordenação de Paulo Fontes, pelo CEHR-UCP, e de Carla Santos, pelo MAAC. A investigação resultou do envolvimento gracioso de todos os envolvidos num trabalho de equipa que facilmente se percebe no cruzamento de assinaturas autorais de cada uma das partes que compõem este livro, cuja edição só foi possível graças aos apoios financeiros que devidamente se registam e agradecem no lugar próprio.

* * *

O livro apresenta uma clara intencionalidade historiográfica, numa perspetiva aberta, permitindo ao leitor aceder diretamente a diversos registos da memória pessoal e institucional sobre o MAC/MAAC, sem ficar limitado às perspetivas analíticas aqui sugeridas ou exploradas. Assim, o livro combina ensaios de interpretação historiográfica, oferece instrumentos de pesquisa e publica fontes de informação histórica que permitirão, esperamos, novos estudos.

A obra foi organizada em duas grandes partes: “Estudos” e “Fontes”. Na primeira parte são reunidos um conjunto de ensaios com base nos materiais recolhidos ao longo deste projeto, assim como alguns instrumentos de sistematização de dados empíricos (a nível da distribuição territorial e cronológica). Num primeiro trabalho – *“O MAAC, a Igreja católica e a sociedade portuguesa contemporânea”* – é efetuada uma problematização das condições em que o MAAC surgiu e se estruturou em Portugal e estabelecida uma correlação entre as suas características de fundo e os principais tipos de organizações eclesiais católicas desenvolvidas na contemporaneidade. No estudo seguinte – *“Génese e afirmação do MAAC”* – é ensaiada uma interpretação historiográfica sobre as origens do movimento e as suas fases de afirmação, consolidação e reestruturação, assinalando não apenas fatores de crescimento e enraizamento, mas assinalando também resistências e manifestações de crises. Os dois trabalhos seguintes – *“As publicações periódicas do MAAC”* e *“A identidade do MAAC a partir das suas publicações”* – consistem numa análise quantitativa e qualitativa das publicações produzidas pelo MAAC e, com base nesses elementos, num ensaio de fixação das suas linhas identitárias centrais, nomeadamente aos níveis pedagógico e teológico. Os dois instrumentos de sistematização da informação recolhida encerram esta parte: *“A presença do MAAC nas dioceses”* traça um quadro graficamente sugestivo do modo como a nova organização se foi implantando no território nacional, sendo possível de captar aí, de modo quase instantâneo, a manutenção ou reprodução das grandes clivagens sociológicas e religiosas que separam o país do litoral do interior, e o dividem entre o norte e o sul; em *“Cronologia”* sistematizam-se os principais eventos da vida do movimento, procurando ajudar a fixar o seu quadro de institucionalização, sendo que a plasticidade das dinâmicas

desenvolvidas e a variabilidade da terminologia adotada relativamente aos diversos encontros e iniciativas nem sempre facilitaram o trabalho dos seus autores.

Na segunda parte do livro – “Fontes” – são disponibilizados alguns dos materiais empíricos que foram reunidos como suporte dos estudos anteriormente referidos e que permitirão alargar o âmbito de futuros trabalhos sobre o movimento. Foram selecionados, trabalhados e agrupados com um intuito também pedagógico de valorização das narrativas pessoais como modo de acesso à memória do MAAC, movimento que pela transitoriedade do seu trabalho (onde os destinatários e protagonistas são sempre novos e se encontram, por definição, em situação de passagem) enfrenta como desafio constante o risco da perda da memória coletiva do movimento. Os materiais recolhidos e selecionados pelos autores do livro foram organizados de acordo com as seguintes categorias: “*Testemunhos*”, que reúne textos solicitados aos seus autores para darem conta da sua experiência pessoal de envolvimento no movimento em diversas funções e planos de trabalho, com destaque para a ação cívica e a dimensão internacional, duas das marcas identitárias deste movimento católico; “*Percursos*”, que permitiu agrupar excertos das dezenas de textos recebidos conjuntamente com as respostas aos inquéritos e que ajudam a compreender, na primeira pessoa, o sentido de pertença ao movimento e a diversidade de iniciativas e formas de protagonismo, contribuindo para marcar percursos de vida; “*Monografias*” reúne quatro textos elaborados nos anos de 1980, traduzindo uma metodologia de trabalho em uso, os quais oferecem traços para a caracterização dos meios sociais periféricos onde o movimento procurava então enraizar-se. A finalizar, uma seleção de “*Fotografias*” ilustra o ambiente de atuação do MAAC ao longo dos tempos, assim como um conjunto de “*Desenhos*” transmite o colorido vivo e atual de uma organização que persistentemente se mantém a trabalhar em Portugal desde final da década de 1970.

Possam os leitores disfrutar da leitura do livro. Possa o MAAC rever-se, em traços gerais, no retrato que dele, em conjunto, traçámos. Possam os responsáveis eclesiais colher matéria de reflexão para o desafio de “trabalhar a partir das periferias”. Possam as instituições educativas interrogar-se acerca dos desafios concretos colocados à escola na construção de uma “sociedade inclusiva”. Possam os historiadores e a comunidade académica em geral beneficiar desta história para uma compreensão mais alargada da sociedade portuguesa e das suas dinâmicas de resistência e de transformação, onde o trabalho quotidiano das instituições religiosas se inscreve, assegurando assim uma presença necessária no espaço público.

Paulo F. de Oliveira Fontes